

Diário de bordo

De novo os OGMs



Roberto Rodrigues*

OS NÚMEROS publicados por Clive James, em seu estudo Situação Global das Lavouras GMs comercializadas: 2007 são impressionantes.

Segundo o trabalho, em 2007 cerca de 23 países cultivaram 114,3 milhões de hectares com sementes GMs. Desses, 12 são emergentes, com 49,4 milhões de hectares (Argentina, Brasil, Índia e China, entre eles) e 11 são industrializados, com 64,9 milhões de hectares. Os Estados Unidos são, de longe, o maior produtor de transgênicos, com 57,7 milhões de hectares, sendo que 63% de todo o milho que produziram é GM, e 78% do algodão.

Depois, vem a Argentina, com 19,1 milhões de hectares, e o Brasil, com 15 milhões.

A grande curiosidade está na informação de que 90% dos 12 milhões de agricultores que cultivaram transgênicos em 2007 são pequenos e com recursos escassos, especialmente na China e Índia. Os 11 milhões de pequenos produtores tiveram menores custos de produção e, portanto, maiores chances de continuar na atividade.

Segundo a publicação, desde o início do cultivo de OGMs, em 1996, até 2006, a emissão de gases de efeito estufa foi reduzida, amenizando o aquecimento global. Só em 2006, a redução teria sido de 1,2 bilhões de quilos de CO₂ emitidos (pelo menor uso de combustíveis fósseis).

De acordo com uma consultoria especializada, a Céleres, os resultados estimados para o Brasil em termos de vantagens ambientais serão notáveis. Até 2016/2017, o Brasil terá acumulado um plantio de 274 milhões de hectares de soja RR e 16,6 milhões de hectares de algodão Bollgard.

Só no caso da soja, a economia de água será de 42,7 bilhões de litros, o suficiente para abastecer uma cidade de 100.000 habitantes durante o período.

Serão consumidos menos 305 milhões de litros de diesel, que dariam para abastecer uma frota de 127,1 mil veículos em 10 anos.

As emissões de CO₂ no período cairão 918,71 milhões de toneladas, o equivalente ao plantio de 6,8 milhões de árvores que neutralizariam tal volume no mesmo tempo.

Mas o mais importante é a redução de 35,6 mil toneladas de ingredientes ativos de agrotóxicos, pela vigorosa diminuição da sua demanda pelas plantas transgênicas.

Tais informações mostram que os OGMs são mais baratos e menos agressivos ao meio-ambiente, o que permite estimar que, em 2015, serão 200 milhões de hectares cultivados por milhões de produtores em 40 países. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Infra-estrutura é um imposto



Cesário Ramalho da Silva*

PASSADO O primeiro trimestre, já é possível tecermos uma análise mais apurada do que 2008 reserva para o agronegócio. O cenário se mostra positivo, com aplicação de investimento e crescimento. O produtor rural está motivado. As margens de comercialização estão boas para os principais produtos, com destaque para a soja. De outro lado, a cana-de-açúcar e o café estão em um momento não tão favorável.

O produtor deve aproveitar o momento para gerar receita e obter renda. Tudo com muita cautela e um planejamento criterioso do negócio. É hora de aprender a trabalhar com sobra de caixa.

Deveremos ter recorde na safra de grãos, com colheita próxima a 139 milhões de toneladas, de acordo com o IBGE. Diversos fatores contribuem para esse desempenho: o clima favorável, novas variedades de cultivares, e investimentos em tecnologia, que culminaram em incrementos de produtividade. Mas, os resultados poderiam ser melhores. Apenas recuperamos percentuais de produção perdidos em ciclos anteriores, de duas a três temporadas atrás.

Vivemos um período de retomada. O produtor, por exemplo, não usufruiu de forma significativa do aumento dos preços das *commodities*. Cerca de 60% da safra que estão sendo colhidos já havia sido vendida no ano passado, antes dos picos das cotações.